

# Dúvidas amazônicas

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Há vários equívocos na discussão sobre a Amazônia.

Pior ainda: a questão tem sido encaminhada tão inabilmente, que as pessoas estão cada vez mais confusas. Este é o meu caso, por exemplo. Leio vários jornais por dia, várias revistas semanais, várias revistas internacionais, assisto a vários noticiários de televisão, já estive na Amazônia, orientei e oriento várias teses de alunos sobre o assunto e, de repente, me sinto confuso. O problema atingiu um tal nível de complexidade que seria urgente a convocação de especialistas para esclarecerem a questão.

O correto seria que os diversos setores do Governo nos explicassem tudo eficazmente. Mas ele não parece estar bem informado ou coordenado para isto. Então, que se organizassem debates e seminários nas universidades, rádios, TVs, em todas as entidades civis, militares e religiosas, mas ouvindo técnicos e especialistas para que saíssemos do terreno puramente impressionista e emocional. É esse um assunto tão complexo que não se pode esperar que o homem comum tenha a última palavra sobre ele. Não é tarefa do cidadão ter que organizar fichários e dossiês para saber o que está acontecendo. O cidadão comum não tem computador nem ganha bolsa para pesquisar tão imenso problema.

A primeira vista, sem esforço, percebem-se pelo menos dez grupos, cada um com interesses políticos, lidando com a questão: as empreiteiras que constroem hidrelétricas, firmas que querem construir usinas atômicas, bancos internacionais, seringueiros, fazendeiros, índios, mineradoras, ecologistas, políticos e grandes potências com interesses nem sempre bem explícitos. Cada um puxa para o seu lado. E o Governo no meio dessa briga tem feito declarações muito aquém do esperado. A rigor o Governo tem ajudado a fermentar a confusão na medida que não dá diretrizes, não toma iniciativas rápidas e eficazes.

Nestes últimos dias o despatério aumentou. As respostas oficiais e oficiosas do Brasil são de uma indigência constrangedora. Três delas: 1) os países ricos e industrializados é que produzem o grosso da poluição, gerando mais calor que a queima da floresta; 2) os países ricos mataram seus índios e querem que conservemos os nossos, que são muito bem tratados; 3) os ecologistas são uns utópicos roqueiros e artistas e a realidade é outra; 4) a floresta amazônica é um problema brasileiro e ninguém tem nada com isto.

Assim, não dá. Está tudo mal colocado. Dizer que o vizinho esfaqueou sua mulher não justifica que eu esfaqueie a mi-

nha. O nosso trato com os índios não nos dá tantos motivos de orgulho. Os ecologistas, com sua sandice utópica, estão mudando a consciência do Mundo. E na aldeia global em que vivemos nenhum problema é só local. A matança de negros na África do Sul ou a estupidez do Aiatolá condenando à morte um escritor são problemas que nos afetam.

Por outro lado, reconheço que acho muito estranho (embora interessante) o fato de que em qualquer cidadezinha do interior da Alemanha estejam fazendo marchas e discursos sobre a Amazônia. É evidente que a imprensa internacional não está apenas idealisticamente tratando a questão. Há lobbies imensos formando opinião. Igualmente reconheço que é muito estranho o súbito interesse mundial por esse incrível Chico Mendes. Há qualquer coisa além do humanismo atrás disto. Quem conhece como funcionam os meios de comunicação sabe que as notícias parecem um pouco orquestradas. Por outro lado, não fosse a imprensa internacional, já teriam matado o resto da família dele e seus sucessores, e sobre tudo pairaria um amazônico silêncio.

E o Banco Mundial? De repente, virou uma entidade mais sensível que o Banco do Espírito Santo, do Vaticano. Por que? Uma amiga tem uma teoria irônica que não pode ser descartada. Diz ela que o Banco Mundial não é um monobloco. Lá existem dois tipos de funcionários. No topo estão os velhos usuários de sempre. Mas nos postos médios estão funcionários de 30 ou 40 anos com mentalidade ecológica, que vieram da geração 68. Assim, os dois grupos, na verdade, não se desligam lá dentro, mas um serve ao interesse do outro.

Outra coisa que não me entra na cabeça é a resistência à vinculação da dívida externa à Amazônia. O Governo tem dito uma coisa estranha: como se quissem a Amazônia em troca da dívida. Se lá fora estão pensando nisto, então não parecem ter a esperteza que dizem ter. O que o Brasil deveria fazer, digo-o com outros pela enésima vez, é solucionar um problema através do outro. (Menos mais menos, em matemática, dá mais). Trabalhando a questão da dívida e da Amazônia, articuladamente, provocaríamos um desenvolvimento sem precedentes no mundo ocidental, uma página épica para findar o século.

A questão é intrincada, cheia de cipós, igarapés e surucucus. O Governo nos deve palavras mais claras e menos ingênuas. Caso contrário, veremos o assunto ser mais bem debatido fora do Brasil. E isto, sim, causará uma grande insegurança nacional.